TRAÇOS DA COMUNIDADE PORTUGUESA EM PELOTAS

Jorge Carvalho Arroteia
Regina Lucia Reis de Sá Britto Fiss

1. SOBRE A EMIGRAÇÃO PORTUGUESA

1.1. Evolução

A análise da evolução da emigração portuguesa desde o início do século XV, data da descoberta das Ilhas Atlânticas dos Açores e da Madeira, à actualidade marcada pela adesão de Portugal à União Europeia, testemunha as vicissitudes porque tem passado este fenómeno realçando, uma vez mais na sua história, a relação destas saídas com o estado de desenvolvimento de Portugal e com a evolução do mercado de mão-de-obra internacional.

Como etapas mais significativas deste movimento destacamos a intensa fase de colonização que se seguiu aos descobrimentos portugueses e à enorme saída da população do Reino de Portugal para África e para as Índias Orientais e Ocidentais, desde o início do século XVI, provocada pela colonização destas paragens.

Em relação ao Brasil este fenómeno atravessou várias fases relacionadas com o crescimento económico deste território e a exploração do "pau Brasil" (séc. XVI); a cultura da cana do açúcar (sécs. XVI, XVII e XVIII), a exploração mineral (sécs. XVII e XVIII) e a cultura do café (séc. XIX).

Uma estimativa destas saídas durante este período permite destacar:

- a saída de cerca de 2400 portugueses para o Brasil durante as primeiras décadas do século XVI;
- o acréscimo deste movimento – cerca de 8000 saídas anuais por volta
- de 1620 – valor que decaiu depois da Restauração (1640), aproximando-se no final do século XVII das 2000 saídas anuais;
- a saída de 8000 a 10000 portugueses com destino ao Brasil durante o século XVIII, movimento causado pela descoberta do ouro.

Note-se que este fenómeno durante o século XIX foi condicionado por diversos acontecimentos registados no seio da sociedade portuguesa tais como a transferência da Corte portuguesa para o Brasil e a saída de muitos fidalgos que a acompanharam, em 1807; as invasões francesas em Portugal, entre 1807

e 1811 e a guerra civil, entre os liberais e os absolutistas, que alastrou no país entre 1828 e 1834.

De realçar o aumento crescente da emigração portuguesa para este país durante a segunda metade do século XIX em virtude da supressão da escravatura (em 1888) e da intensificação dos transportes marítimos e do movimento comercial entre os dois países.

A este respeito Serrão assinala a saída de cerca de uma dezena de milhar de portuguesas apenas no período de 1855 a 1865, oriundos sobretudo das ilhas atlânticas dos Açores e da Madeira mas também das regiões do norte e centro de Portugal[1]. Outra estimativa relativa às saídas registadas durante a última década do século XIX indica que num total de quase 220 milhares de emigrantes saídos de Portugal entre 1890 e 1900, cerca de 94% encaminharam-se para as terras de Vera Cruz.

Em relação à evolução deste movimento durante a primeira metade do século XX, estes valores mantiveram-se elevados no período que antecedeu a primeira grande guerra mundial estimando-se que cerca de 80% dos cerca de 450 milhares de emigrantes saídos de Portugal neste período se tenham dirigido para este país da América do Sul.

No termo do 1.º conflito armado verificou-se uma quebra acentuada que se prolongou pelos anos seguintes em consequência da crise económica dos anos trinta e da segunda guerra mundial. Assim registaram-se cerca de 9,2 milhares de saídas anuais entre 1939 e 1945 e 26 milhares de saídas anuais entre 1946 e 1955.

Nos períodos mais recentes destaca-se a emigração, entre 1955 a 1974, de mais de 1,6 milhões de portugueses ou seja uma média de 82 000 emigrantes /anuais.

Isoladamente, destacamos a saída de 34 113 emigrantes legais em média, entre 1950 e 1960, e de 68 100 entre esta data e o início da década de setenta, contra menos de 8200 emigrantes entre 1940 e 1950. Já em relação a datas mais recentes é de salientar que entre 1974 e 1988, somente 23 0000 emigrantes saíram oficialmente do país reduzindo aquele valor para cerca de 15 000 saídas anuais.

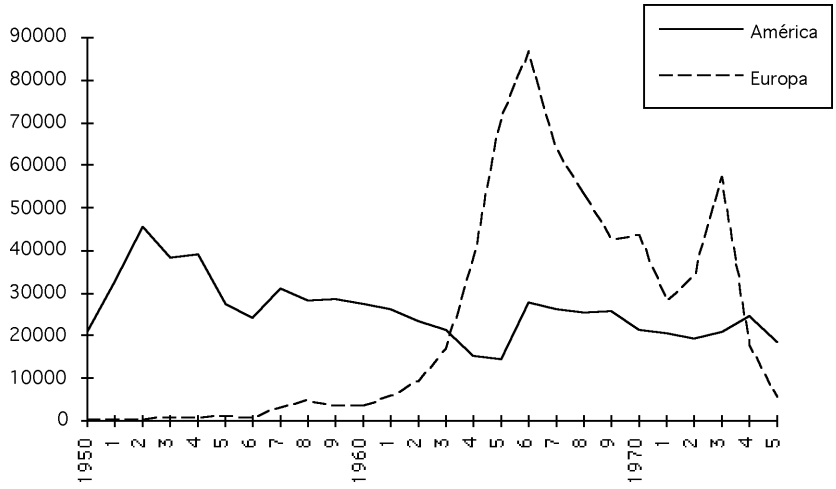
Se tivermos em consideração a evolução deste movimento no decurso do século XX verificamos, portanto, que este movimento sofreu alterações muito significativas em relação ao seu volume e destinos, à sua evolução e composição, às suas causas e reflexos sobre a sociedade de origem. Tal facto foi sobretudo evidente após a adesão de Portugal à União Européia quando as saídas de portugueses para a Europa, embora mantendo-se significativas, passaram a ser consideradas no contexto da mobilidade de mão-de-obra comunitária deixando assim de ser devidamente quantificadas pelas estatísticas da emigração.

Note-se que a intensificação deste movimento durante a segunda metade do século XX foi acompanhado por uma preferência cada vez maior pelas saídas para a Europa, em particular para a França – 985 emigrantes em 1955; 3 593 em 1960; 32 641 em 1964 e 27 234 em 1969 – em detrimento da corrente tra-

dicional, com destino ao Brasil: 18 486 emigrantes em 1955; 12 451 emigrantes em 1960; 4 929 emigrantes em 1964 e apenas 2 537 emigrantes em 1969.

Estes valores realçam a quebra do movimento transoceânico e a sua substituição pela emigração intra-europeia (Figura 1). Daí resultou uma segunda alteração que se verificou com o incremento das saídas clandestinas em relação às saídas oficiais. De facto os dados disponíveis sobre este fenómeno indicam que o movimento clandestino terá superado, nos finais da década de sessenta, o movimento de saídas legais.

Figura 1: Destinos da emigração portuguesa (emig. transoceânica e intra-europeia)



1.2. Causas e efeitos

A importância crescente da emigração portuguesa para o Brasil justificada sobretudo por razões de natureza económica decorrentes da "míngua dos meios de subsistência" e da "desordem contínua da economia social em Portugal"[2] parece justificar a enorme dimensão do "mito da fortuna" e do "mito do regresso"[3] que andam associados à tradicional emigração portuguesa para este território. Recorde-se a importância dos "brasileiros" e dos "mineiros", sobretudo nas regiões norte e centro de Portugal, expressa em diversos testemunhos materiais para reconhecermos a importância deste fenómeno na antiga sociedade portuguesa.

Com efeito a importância da emigração par as terras de "Vera Cruz" ou o Brasil, "o Eldorado, onde para achar ouro não há mais que tocar naquelas praias abençoadas", como descreveu Alexandre de Herculano[4], realçam a importância deste destino que só veio a perder gradualmente essa importância depois do primeiro conflito armado (1914-18) e da crise económica que durante a década de trinta atingiu a economia mundial.

Em data mais recente notamos que o incremento dos movimentos da população no continente europeu, sobretudo no período posterior à segunda guerra mundial, foi um dos sintomas do processo de desenvolvimento e de mudança social que experimentou o velho continente no período de reconstrução e de expansão económica que se seguiu àquele conflito armado. Assinala, por outro lado, a persistência deste fenómeno pondo a descoberto os desequilíbrios existentes entre as diferentes regiões europeias e a tradicional "divisão norte-sul" marcada pela dependência dos países da periferia, em particular dos países mediterrânicos, face ao poder económico dos países mais industrializados do ocidente europeu.

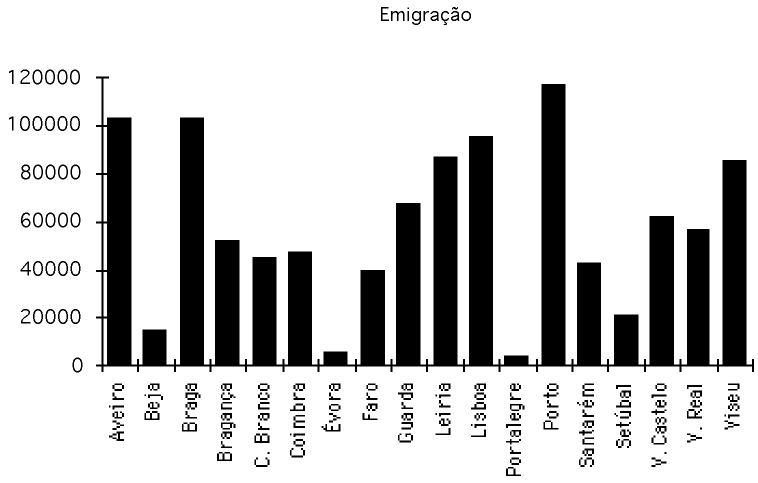
Como causas dominantes deste fenómeno indicamos as razões de natureza económica, o fraco nível de vida e de oportunidades de emprego, sobretudo nas regiões rurais. Esta situação comprova ainda a incapacidade do tecido produtivo industrial absorver os contingentes de assalariados e de trabalhadores não especializados libertos das actividades agrícolas e de subsistência registada em Portugal no decurso da segunda metade do século XX.

Para além destas razões também as causas de natureza política contribuíram para acelerar este movimento. Assim aconteceu com as pressões políticas impostas pelo regime Salazarista e pela guerra em África; a falta de liberdade de expressão e as práticas que levaram à fuga de muitos jovens, antes ou durante o cumprimento do serviço militar, e que conduziram à saída da população jovem para a Europa no decurso dos anos sessenta, até 1974.

Quanto à sua extensão verificamos o grande incremento e expansão deste movimento em todas as regiões do território português em particular nas regiões densamente povoadas do norte e do centro do país, assim como nas Ilhas Atlânticas dos Açores e da Madeira.

Este fenómeno afectou particularmente as regiões do Minho, de Trás-os--Montes e da Beira-Alta, de onde partiram os maiores contingentes de emigrantes não só em direcção ao Brasil mas também, já durante a segunda metade do século XX, para os países industrializados da Europa Ocidental: França, Alemanha; Luxemburgo e mais recentemente para a Suíça.

Figura 2: Emigração portuguesa por distritos de origem (1955-1974)



A importância da emigração portuguesa em todo o território nacional é comprovada pelas cerca de um milhão de saídas oficiais registadas no período compreendido entre meados dos anos cinquenta e os finais dos anos oitenta do século XX. Estas foram oriundas dos distritos de Lisboa, do Porto, de Setúbal, de Braga, de Aveiro, de Viseu e de Leiria.

A dimensão deste fenómeno em todas as regiões do país, afectando sobretudo os jovens e os adultos de todas as idades, reforça a imagem de que a emigração se trata de uma "constante estrutural" da sociedade portuguesa. Em data mais recente a emigração anda associada ao declínio da antiga civilização agrária e rural na qual assentou, durante séculos, o desenvolvimento da sociedade portuguesa, bem como ao aparecimento de diversos "Eldorados" que surgiram no Brasil, nos EUA e mais tarde na Europa e levaram à fuga de muitos emigrantes.

Globalmente entre os reflexos deste fenómeno contamos com as perdas de população registadas em todo o país, sobretudo durante a segunda metade do século XX e a intensificação do processo de crescimento urbano e industrial sobretudo na faixa centro e norte litoral do território. Em simultâneo com as perdas demográficas para o estrangeiro notamos ainda os processos de envelhecimento demográfico e de desertificação do interior causados fundamentalmente pelas saídas da população jovem.

Para além destes aspectos e em resultado do movimento de transferência de divisas alimentado pela população emigrante, registamos que a emigração foi globalmente responsável pela animação dos circuitos económicos regionais, o que levou ao aumento do comércio e das actividades terciárias em particular na periferia dos grandes centros urbanos de Lisboa e do Porto.

No seu conjunto estas transformações contribuíram para gerar novas oportunidades de emprego, para o aumento do P.N.B. do país e para uma melhoria

significativa do nível de vida de sua população. Contudo não bastaram para estancar o fenómeno emigratório português que registou, sobretudo durante o terceiro quartel do século XX, uma das fases de maior expansão com destino quer à Europa quer mesmo ao continente americano.

2. A "DIÁSPORA" PORTUGUESA

Seguindo ritmos distintos de emigração legal e clandestina e mostrando preferências diversificadas consoante a antiguidade e a tradição emigratória, as características sociais e as oportunidades de emprego no exterior, a emigração deu origem à formação de diversas comunidades de portugueses hoje dispersas pelo mundo. No seu conjunto estas têm contribuído para o crescimento económico dos países de acolhimento e para o reforço das sociedades multiculturais onde residem.

Quanto aos valores de natureza estatística referentes à população de origem nacional residente em países estrangeiros nos finais da década de noventa (século XX), é de notar que a dimensão da "Diáspora Portuguesa" na actualidade ultrapassa os 4,6 milhões de cidadãos, residentes nos cinco continentes, assim distribuídos:

Europa:	1 336 700
África:	540 391
América Norte:	1 015 300
América Sul:	1 617 837
América Central:	6 523
Ásia:	29 271
Oceânia:	55 459

Uma análise mais pormenorizada realça a distribuição destes indivíduos por 28 países na Europa; 39 países em África; 32 países na América; 22 países na Ásia e 2 países na Oceânia, de que se destacam os mais importantes:

União Europeia:	1 201 163
Brasil:	1 200 000
Angola:	20 000
Moçambique:	11 668
Guiné-Bissau:	800
Cabo Verde:	500
S. Tomé e Príncipe:	451

Desta distribuição ressaltam aspectos relacionados com a antiguidade deste fenómeno e com as suas características recentes. Assim, em relação à emigração "transoceânica", entre os destinos referidos o Brasil continua a ser o país onde a presença portuguesa é mais relevante e onde os laços de consanguinidade com a sociedade portuguesa oriunda do continente, dos Açores e da Madeira, se faz sentir com maior intensidade.

Como exemplo mais relevante da "emigração intra-europeia" destaca-se a emigração para França, país onde o número de cidadãos portugueses aí residentes, inferior na actualidade a um milhão, representa o destino mais procurado na história contemporânea da emigração portuguesa.

Além deste país também a Alemanha, o Reino Unido, o Luxemburgo, a Suíça e a vizinha Espanha têm sido os destinos preferidos da emigração portuguesa na Europa.

Tendo em conta a dimensão da população portuguesa residente no território nacional, cerca de dez milhões de habitantes, os valores acima indicados de quase cinco milhões de portugueses e luso-descendentes residentes no estrangeiro atestam a dimensão nacional deste fenómeno. Estes dados são relevantes não só para entender as raízes e a evolução recente da emigração portuguesa mas ainda para realçar a importância dos estudos relacionados com as raízes e os traços culturais das comunidades de nacionais que habitam fora do país.

Repare-se que o conhecimento dos traços fundamentais das comunidades portuguesas residentes no estrangeiro, conhecida em muitos casos através de estudos monográficos especializados, nem sempre permite uma visão sistemática e global deste fenómeno em virtude quer das suas diferenças metodológicas quer dos contextos em que os mesmos se inscrevem e das datas da sua realização.

Confrontados com esta realidade iniciámos em 2001 um projecto de investigação-participada, via Web, com o título: *Portugueses em Diáspora: identidade e cidadania*. Este projecto destina-se essencialmente a conhecer a situação dos emigrantes portugueses e/ou, descendentes de emigrantes portugueses residentes em países de imigração. Inclui a recolha de elementos referentes à experiência imigratória, à participação cívica e à integração dos luso-descendentes nas sociedades de origem e/ou de acolhimento, estejam a residir fora ou que já tenham já regressado a Portugal.

Os dados actuais foram obtidos através do recurso a um questionário disponível em site na Internet: http://sweet.ua.pt/~arroteia/diaspora.

A metodologia seguida, apresentada noutro trabalho[5], teve em conta os trabalhos de pesquisa anteriormente realizados em contextos distintos, sobretudo em França, no Luxemburgo e em Espanha[6]. Procurámos ainda aprofundar a metodologia desenvolvida por Doudin[7] relacionada com o estudo da população portuguesa na Suíça.

Nestas circunstâncias foi nossa intenção recolher indicadores relacionados com a identidade desta 'nova geração' de emigrantes, identificando por isso "um conjunto de varáveis relacionadas com o modo de vida desta população,

com os símbolos de Portugal e o desejo de regressarem a este país, com a participação em actividades promovidas por associações de emigrantes ou outras. Pareceu-nos que a intensidade destas experiências reforça a "identidade" desta população e o seu modo de ser quotidiano. Como traços fundamentais da cidadania, procurámos conhecer a participação na vida desta população nos países de acolhimento e o seu envolvimento em actividades culturais e políticas desenvolvidas no país de residência"[8].

Estas preocupações foram parcialmente respondidas nos inquéritos que nos chegaram nos anos de 2001 e 2002. Sugeriram, no entanto, estudos pontuais mais detalhados sobre as características das comunidades portuguesas residentes no estrangeiro. Foi essa a razão que em contacto com a Professora Regina Sá Britto Fiss solicitámos o seu empenho na aplicação de alguns questionários junto dos portugueses e luso-descendentes residentes em Pelotas.

Note-se que o interesse e a defesa na realização de estudos desta natureza segue as preocupações da autora, que juntamente com Carmen Pombo, levou a cabo um estudo que serviu de base à geminação das cidades de Aveiro e de Pelotas[9]. Neste trabalho as autoras defendem também o desenvolvimento de estudos mais aprofundados sobre o património cultural comum luso-brasileiro de forma a garantir a sua preservação, defesa, valorização e dinamização: "Brasileiros e portugueses precisamos de conhecer com perfeição cada vez maior o grande espaço cultural que nos é comum, o espaço da cultura luso-brasileira, com seus valores básicos e padrões de acção, os seus costumes e ritos; as formas artísticas e trabalhos de investigação científica que nele se desenvolveram e estão se desenvolvendo".

Apontam ainda a realização de estudos pioneiros que "já estão a abrir caminhos nesse sentido, seja no âmbito genérico da imigração lusa no município, através do estudo de Pombo[10]; como no aspecto associativo, no trabalho de Branco[11] ou, então, enfatizando-se aspectos econômicos, na monografia de Sá Britto Fiss[12]; quer, ainda, no campo arquitetônico, através da investigação de Branco Fiss"[13].

A propósito da oportunidade destes trabalhos, referem que "esses estudos buscam explorar o aspecto da formação de Pelotas sob o ponto de vista da etnia", sendo que "os tipos étnicos predominantes em Pelotas são os de origem portuguesa e alemã, conforme se pode constatar facilmente, através de observação directa, e também de acordo com os resultados de uma sondagem realizada nas escolas no ano de 1984".

Quanto à importância da emigração portuguesa nesta região assinalam as autoras: "é sabido que, desde os primeiros tempos da história do município, o elemento de origem portuguesa se concentra na cidade, dedicando-se, principalmente, a actividades comerciais, enquanto que o de origem alemã caracteriza a zona rural, onde pratica a policultura em pequenas propriedades".

Referem ainda, a propósito, que: "Na mencionada sondagem foi levantada a origem de 39 000 habitantes, tendo se destacado as seguintes etnias (%)"[14].

– portuguesa	42.1
– alemã	20.0
– negra	9.8
– mulata	7.8
– italiana	7.4
– espanhola	7.0
– francesa	1.7
– cabocla	1.2
– polonesa	0.8
– libanesa	0.5

A importância da emigração portuguesa nesta cidade permitiu-lhes afirmar que Pelotas viu "em seu nascedouro, a actuação incansável de povoadores portugueses, que desde épocas mais distantes já criaram um clima de desenvolvimento com uma febril atividade sócio-cultural, atividades filantrópicas e uma economia baseada na indústria agropecuária e comércio de exportação. Tal facto justifica ser natural "que a cidade continuasse a ser pólo de atração para novos imigrantes e que os mesmos entrassem no ramo das atividades comerciais, principalmente"[15].

3. ASPECTOS DA VIDA E CIDADANIA DA POPULAÇÃO DE ORIGEM PORTUGUESA

Como já foi notado dada a antiguidade e o significado histórico na evolução da própria sociedade portuguesa, o Brasil é um país que durante séculos esteve sempre presente na memória e no imaginário do emigrante português. Esta a razão que justifica, conjuntamente com dos dados recolhidos por Fiss e Pombo[16], o texto que elaborámos relacionado com a "identidade e cidadania" dos emigrantes portugueses em Pelotas, região brasileira que acolheu um número considerável de portugueses oriundos sobretudo da região aveirense.

Pareceu-nos importante associar os resultados do questionário ora realizado com os elementos recolhidos por Fiss e Pombo[17] que tão bem caracterizaram o contexto físico, histórico, sócio-económico e cultural das cidades de Aveiro e de Pelotas.

De acordo com as autoras[18] o Rio Grande do Sul, trata-se de um imenso território com 282 184 km^2, "conquistado de forma dramática, escrevendo sua história com muita luta, suor e sangue". De facto, pertencendo originariamente a Espanha (pelo Tratado de Tordesilhas) o solo riograndense foi tardiamente incorporado na Coroa Lusitana. Mais ainda, sendo este território "contíguo ao estratégico estuário do Prata, Portugal tratou logo de buscar uma fronteira natural, fundando em frente a Buenos Aires, a chamada Colônia do Santíssimo Sacramento tendo por Governador da região, D. Manuel Lobo. A povoação e fortaleza são erguidas em Janeiro de 1680, denominada, primeiramente de "Lusitâ-

nia". Sofrendo a acção repulsiva dos espanhóis de Buenos Aires, Portugal luta para manter esta importantíssima e estratégica localidade, muitas vezes destruída e outras tantas reerguida".

Prosseguem as autoras assinalando que: "Muito antes do ano de 1680, fixaram-se como agricultores os primeiros habitantes do Rio Grande do Sul. Paulistas, mineiros e colonos portugueses da Laguna foram os primeiros povoadores".

Mais ainda, sobre a formação da população pelotense, afirmam[19]: "O convívio do portuguez, no recanto de Pelotas, evidencia-se, pela íntima adaptação à nossa vida, pelo mesmo princípio collectivo de trabalho, pelo mesmo ideal de raça e pelo mesmo sentimento que nos irmana, ao italiano, ao francez, ao sul-americano, em menores massas". De facto, como vemos nas questões do nosso questionário, o português mantém fidelidade às suas origens e valores culturais, bem como aos padrões de comportamento tradicionais, integrando-se, ao mesmo tempo, nas sociedades de acolhimento.

Curiosamente assinalam: "talvez, devido a essa capacidade de integração com a comunidade de acolhimento fez com que o elemento luso nunca se apresentasse como ser xenófobo, ou estranho ao ambiente novo e, assim, também ficasse mais desapercebido em termos de ser sujeito de estudos. Exemplo vivo é o da comunidade pelotense, de nascimento e formação lusitanas e que somente em épocas mais recentes, viu despertado o interesse em estudá-lo, sob forma científica: São bastante atuais os trabalhos de investigação referentes aos portugueses. Mais remotos e comuns são aqueles dedicados a alemães, italianos, franceses, etnias também existentes no município"[20].

Tal facto, podemos comprovar, através das respostas obtidas junto da comunidade portuguesa e luso-descendente aqui residente que apontam para a sua integração plena na sociedade pelotense.

Importante é observação sobre a naturalidade da população estrangeira: "Os imigrantes portugueses em Pelotas, na sua grande maioria são provenientes do distrito de Aveiro e sua presença é vislumbrada também pela cultura, onde a 'cidade dos doces' possui como característica marcante destes, à base de ovos, influência presumível da doçaria de Aveiro, com seus famosos 'ovos moles'". Tal influência estende-se pelo nome dos estabelecimentos comerciais e nomes de ruas com motivos aveirenses)[21].

Referem-se, a título elucidativo, nome de ruas, estabelecimentos comerciais e edifícios que na cidade de Pelotas lembram Portugal:

- Panificadora e Lancheria Aveiro
- Agência de Bicicletas Águeda
- Edifício Vila Nova de Gáia
- Edifício Mondego
- Edifício Coimbra
- Bairro com o nome de 'Recanto de Portugal' onde está localizada a sede campestre do Centro Português e onde todas as ruas possuem nomes de concelhos de Portugal.

Prosseguem as autoras: "Muitos são os relatos de imigrantes que justificam suas preferências pelo sul do Brasil e por Pelotas, não só devido a grande concentração de aveirenses, como pelos próprios aspectos geográficos dessa cidade traduzidos sobretudo em idêntica história geológica, dominada por um sistema lagunar onde se inscrevem a "ria de Aveiro" bem como a Lagoa dos Patos e a Lagoa Mirim"[22].

A proximidade dos contextos geográfico e sócio-económico foi reconhecida pelas autoras defendendo por isso a geminação das cidades de Aveiro e de Pelotas, como na verdade se veio a concretizar. Nestas circunstâncias prosseguem afirmando: "não são vãs as palavras de emigrantes aveirenses, que afirmam que as semelhanças geográficas entre as comunidades são expressivas, razão porque escolheram o Município de Pelotas para fixar residência"[23].

O desenvolvimento deste estudo refere, a concluir, um conjunto de traços comuns a estas duas comunidades que sucintamente transcrevemos: "Sobre a situação e traços físicos tem-se que ambas estão localizadas em áreas planas e junto à encosta de zonas mais altas... Localizam-se junto a regiões lagunares...sofrendo, também influências climáticas (clima húmido), pela proximidade da água. Ambas as comunidades estão em uma faixa litoral apresentando formações arenosas e dunas costeiras, com clima subtropical e, portanto, com uma vegetação que se assemelha"[24].

Do ponto vista histórico, "cada comunidade possui aspectos tão próprios que não são comparáveis. Aveiro é milenar e Pelotas centenária... ambas tiveram sempre ideais de liberdade e foram pioneiras no republicanismo".

Estes e outros traços comuns prosseguem em relação aos aspectos comuns: económicos, sociais e culturais, que unem as duas cidades. Por isso, concluem as autoras: "convém salientar que a distância que as separam – localização em continentes diferentes – colabora para que se afrouxem os laços existentes, embora os vínculos culturais criados pela imigração. Nesse contexto, essa ligação tende a perder-se, caso não sejam tomadas providências no sentido de evitar que isso aconteça"[25], observação que remata com a proposta de geminação entre as cidades de Aveiro e de Pelotas.

4. A LEITURA DO QUESTIONÁRIO

Os dados acima referidos ajudam-nos a compreender o significado de algumas das respostas obtidas (entre Janeiro de 2001 e Junho de 2002) relacionadas com a presença portuguesa na cidade de Pelotas.

O total de respostas obtidas foi de 40, sendo 19 do sexo masculino e 21 do sexo feminino.

Quanto à idade dos inquiridos, a grande maioria pertencia ao grupo funcional dos adultos, com mais de 25 anos de idade, assim distribuídos:

< 20 anos	1 indivíduo(s)
21-24 anos	6 indivíduo(s)
25-29 anos	4 indivíduo(s)
30-34 anos	6 indivíduo(s)
35-45 anos	1 indivíduo(s)
> 45 anos	13 indivíduo(s)

Sobre a nacionalidade dos inquiridos, 26 tinham a nacionalidade brasileira, 13 a nacionalidade portuguesa e apenas um inquirido era de nacionalidade angolana. Estes dados indicam a par da emigração mais antiga para o Brasil a existência de uma segunda vaga de emigração registada com maior intensidade no período decorrente à revolução de 25 de Abril de 1974 e ao acolhimento de grande número de retornados portugueses oriundos das ex-colónias de Angola e de Moçambique.

Interessante é de assinalar que esta população registava na sua grande maioria uma formação académica de tipo universitário: 24 inquiridos; a par de outra formação secundária e profissional: 12 respostas. Os restantes 4 inquiridos haviam realizado outro tipo de formação, particularmente de nível secundário. Tal facto abona a favor da antiguidade deste movimento para o Brasil e das perspectivas de mobilidade social alcançadas por esta população através do desenvolvimento de estudos de nível médio e superior.

Tal como verificámos noutros trabalhos, sobretudo os relacionados com a população portuguesa na Suíça, a "procura social" da educação por parte da população jovem constitui-se como uma das vias de melhor integração nas sociedades de acolhimento, facto que parece ser comprovado pelos resultados relativos à população de ascendência portuguesa residente em Pelotas.

Estes aspectos podem ser globalmente comprovados pelo tipo de profissões exercidas pela população inquirida, como se vê no quadro abaixo que denota a importância das actividades relacionadas com as actividades terciárias que carecem de uma formação médio-superior.

Estudantes	5
Empresários:	6
Industriais:	2
Activid. ligadas ao comércio, bancos e seguros:	10
Advogados e Promotores de Justiça:	6
Profissões ligadas à saúde:	5
Profissões ligadas ao ensino e investigação:	3
Aposentados:	3

Não obstante a integração desta população na sociedade de origem, nomeadamente através do exercício de actividades profissionais socialmente reconhecidas, mantém-se o interesse em relação às suas raízes familiares. No entanto, inquiridos se desejavam mudar para Portugal, apenas 5 das respostas foram nesse sentido. A recusa em mudar de país compreende-se pelo facto dos inquiridos terem a sua vida estabilizada no Brasil.

De igual modo o interesse pelo regresso a Portugal pode ser justificado por razões pessoais e familiares decorrentes de se tratar do país de origem ou da naturalidade dos familiares.

Dos que desejariam regressar a Portugal destacam-se emigrantes aposentados ou então ainda estudantes. Como razões para esta mudança indica-se a boa imagem de Portugal, como "um país em constante desenvolvimento"; a existência de "mais segurança e maiores chances profissionais" ou o prosseguimento de estudos.

É de destacar a "boa" imagem de Portugal junto desta comunidade imigrante e o interesse em relação ao seu país de origem traduzindo assim as raízes inerentes a uma certa "portugalidade" que parece persistir pelo menos junto de uma parte significativa da nossa amostra.

Não obstante as actividades desenvolvidas pela sociedade local relacionadas com a população nascida no estrangeiro é de notar que apenas 8 dos inquiridos não participam em actividades associativas. A falta de disponibilidade parece ser a causa mais importante para esta atitude. Dos que podem participar em actividades associativas, destaca-se a actividade no clube "Centro Português 1.º de Dezembro".

Para os portugueses e luso-descendentes aqui residentes a participação na vida cívica, quer junto das comunidades de emigrantes quer na sociedade de acolhimento, é uma afirmação do seu estatuto como cidadãos empenhados na participação cívica e política das sociedades onde residem.

5. A COMUNIDADE PORTUGUESA E SUAS ASSOCIAÇÕES EM PELOTAS

A região sul do Brasil, como já mencionado neste artigo, teve na sua ocupação territorial uma forte influência lusitana. Dessa trajectória resulta, também, uma população diferenciada daquela existente no restante do país, ocasionada pela mescla das diferentes etnias que na última metade do século XIX emigraram para o estado do Rio Grande do Sul. Características físicas e comportamentais juntam-se a factos históricos e dão ao povo gaúcho, além de alguma semelhança com o povo uruguaio e argentino, alguma resistência na manutenção e continuidade das tradições lusitanas.

No entanto, Pelotas, como outras cidades do litoral e interior do estado, mostra através do seu casario, dos costumes, da gastronomia, da religiosidade, e outros aspectos, uma expressiva ligação com Portugal.

Muitos hábitos ainda mantidos entre as famílias de imigrantes ou descendentes portugueses, de várias gerações, podem ser observados no dia a dia das famílias oriundas do continente ou das ilhas.

Assim, como ocorre a manutenção da cultura lusitana numa terra tão distante? "No Brasil, a exemplo de outras comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo, o desejo de manter as tradições, o sentimento de solidariedade e a saudade, colaboraram para o aparecimento de diversas instituições, quer assistenciais, culturais, econômicas e recreativas (...).

A partir da independência do Brasil, os portugueses aqui radicados passaram a sentir a diferença de estar em uma terra não mais pertencente a Portugal, ou seja, na qualidade de imigrantes"[26].

No decorrer destes dois séculos o número de associações existente no Brasil atinge as 180, segundo informação da Embaixada de Portugal no Brasil, no ano 2000. No estado Rio Grande do Sul, de acordo com a mesma fonte, encontram-se 12 grupos associativos como resposta ao desejo da manutenção das raízes lusitanas em solo gaúcho[27].

Em Pelotas as duas associações representativas da comunidade portuguesa são a "Sociedade Portuguesa de Beneficência" e o "Centro Português 1.º de Dezembro".

A primeira, fundada em 28 de junho de 1858, já com 350 sócios, sendo uma associação que surgia por desligamento daquela existente em Porto Alegre, ou seja, a uma distância de 250 km de Pelotas e que consequentemente ocasionava dificuldades.

Hoje a Beneficência é uma casa de saúde que funciona como qualquer outro hospital mas sempre ligado à comunidade portuguesa de onde são escolhidos seus dirigentes e dada como preferência, pela mesma comunidade, quando da necessidade de hospitalização. "Possui 254 sócios ativos (sócios com título e pagamentos mensais), 1 708 sócios remidos (sócios com título de pagamento integral), banco de sangue e o plano de Saúde Maior. Este último é oferecido e garantido pela própria Beneficência com um total de 11 500 pessoas, destes são 1 por cento de portugueses natos e 60 por cento são de descendentes"[28].

A segunda associação, recreativa e cultural – "Centro Português 1.º de Dezembro" – é onde se observa com mais objectividade o interesse pelo resgate e preservação das origens lusitanas.

Fundado em 26 de Janeiro de 1926 como resultado da fusão de dois grupos: o "Congresso Português 1º de Dezembro" e do "Grêmio Republicano Português", ambos com idéias divergentes mas que suplantadas as divergências políticas, acabam por unir esforços e fundar o "Centro Português 1.º de Dezembro".

Conta com duas sedes sociais, uma instalada no centro da cidade construída em estilo Manuelino (inaugurada em 24.01.1930) onde se encontram salão de honra, secretaria, biblioteca, sala de jogos, sauna e salão de festas.

A segunda sede teve início no ano de 1966 com a compra de 75 ha. para a construção da sede campestre e tendo as suas dependências concluídas em

1983. Está localizada às margens do arroio Pelotas, no bairro Recanto de Portugal, possuindo além do esplendoroso edifício, um museu, sala de honra, salão principal, salão auxiliar, sala do rancho folclórico, bar, cozinha, uma extensa área de lazer com 2 piscinas, várias churrasqueiras, canchas de esporte, etc.

É, portanto, no Centro Português que vamos encontrar, com mais expressão a manutenção dos valores da cultura portuguesa e, consequentemente, a mescla com outras etnias. É aí que vemos as festas religiosas, as procissões em honra de nossa senhora, as festas envolvendo a gastronomia como o festival do bacalhau onde este é confeccionado e apresentado em pratos diversos.

É também aí que se encontra o rancho folclórico onde quase todos os filhos e descendentes mais distantes dos portugueses aprendem a reconhecer as diversas danças regionais, os trajes, o que existe em cada região de Portugal. A maioria dos que participam ou já participaram do rancho dançando desde o Algarve ao Minho, incluindo ainda os Açores, reconhece a importância da manutenção da identidade cultural de seus antepassados através das associações, embora se sintam perfeitamente integrados na sociedade de acolhimento.

Importante também é a assinatura de diversos jornais portugueses e que estão à disposição dos associados, principalmente daqueles que têm interesse em saber as notícias da sua terra.

Do artigo sobre "As associações de imigrantes e a manutenção da identidade lusitana", escolhemos aleatoriamente alguns depoimentos onde esperámos contribuir com uma pequena mostra do significado das associações para cada pessoa:

"O clube é como se fosse a nossa casa, se faz tudo com amor, com carinho por que é a continuação da nossa vida..." (esta frase é de um português já reformado e que durante a tarde vai ao clube – sede centro – para o jogo da sueca com outros compatriotas):

"... gosto do ambiente... estou no Rancho desde os 5 anos de idade" (a depoente é uma jovem universitária).

"Sinto orgulho de ser português... é importante que a comunidade saiba quem foram os portugueses, que conheçam a cultura, a gastronomia..." (este entrevistado é sócio-proprietário de uma das maiores agências de viagens da região e já teve, durante longo período, participação activa no clube).

"O pai sempre fazia comentários sobre a sua região em Portugal e sempre nos levava para o clube... mantive mais as tradições portuguesas do que pomeranas" (esta descendente, como tantos outros, é filha de pai português com mãe de outra etnia – mãe e filha integram o coral, sendo que a mãe é a atual directora do Coral).

"Admiro muito os portugueses mais antigos... o jogo da sueca, a actividade mais tradicional" (este depoimento é de um jovem advogado que desde a infância participou do rancho e hoje, junto com seu pai, é responsável pelos campeonatos do jogo da sueca).

"... estar no Centro Português é manter viva as raízes dos avós, dos pais, do marido, das pessoas que nos antecederam... faço isso com muito orgulho" (esta

frase é de uma neta e esposa de português, com filhos nascidos no Brasil, actualmente responsável pelo rancho).

A espontaneidade dos depoimentos mostra que estar no clube, participar das actividades que lembram a terra natal dos pais ou mesmo dos avós, aprender a perceber os valores da cultura portuguesa, é algo importante.

Observando o que diz um dos entrevistados quanto ao jogo da sueca, convém salientar que este jogo é um elo muito forte entre o imigrante de primeira geração e que também originou o "Encontro das Comunidades do Cone Sul" que acontece anualmente, sendo que a cada ano em uma das cidades: Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande, Montevidéu (Uruguai) e Buenos Aires (Argentina). No ano de 2002 o encontro aconteceu em Montevidéu com a participação, também, das cidades de Montenegro e Ijuí através de seus grupos folclóricos. O "Centro Português 1.º de Dezembro" sagrou-se campeão no jogo da sueca com a premiação do 1.º, 2.º e 3.º lugar.

Quanto à afirmativa de que "sente orgulho em ser português" vale fazer referência sobre o que é ser português numa sociedade que embora os acolha bem, ainda aponta para uma discriminação diante de factos históricos como, por exemplo, a escravidão. Isto quer dizer que filhos de portugueses, em escolas brasileiras, às vezes não se sentem totalmente a vontade ao revelarem a sua origem. Porquê? Porque ainda existe, em alguns meios académicos, a identificação do português como colonizador e explorador da terra que descobriu, a dominação sobre a mão-de-obra escrava, a figura das anedotas, levando o adolescente ao constrangimento.

O Centro Português mantém um grupo de associados de 2 500 sócios, com cerca de 350 a 400 portugueses e descendentes de segunda e terceira geração.

A grande maioria dos associados são descendentes mais distantes ou pertencem a outras etnias, ou melhor, a uma mescla de etnias. O que isso quer dizer? Muitos portugueses acabaram por casar com pessoas de outras etnias, criando um círculo de amizades diferente e obviamente os filhos recebendo influência de outras culturas na sua educação. Factos dessa natureza resultam num interesse natural de que os filhos participem na vida do clube e que vivenciem aquelas actividades deixadas além-mar mas que a saudade trás ao presente (exemplo da filha que a mãe é pomerana entre tantos outros que poderiam ser registados).

Convém registar que na maioria dos casos os filhos acompanham os pais nas actividades do clube até à juventude, tanto no rancho, como nos jogos, no coral (com repertório de músicas do folclore português) e nas diversas representações. Quando é altura de ingresso na Faculdade e o início de uma carreira, permanecem afastados durante alguns anos, mas quando casam e vêm os filhos retornam ao clube para que estes conheçam as origens dos seus antepassados.

Como salienta a "Associação de Imigrantes" – Câmara Municipal de Loures, "(...) estas Associações têm duas principais funções, por um lado a conservação e a transmissão da sua cultura de origem por forma a manterem a sua identidade social e cultural, e por outro lado, a promoção da sua integração social e a participação cívica na sociedade civil"[29].

Os inúmeros projectos desenvolvidos pelo Centro Português, enquanto instituição, têm contribuído para além de matar a saudade de seus imigrantes e descendentes, também dado a conhecer às demais etnias o que é ser português, qual a sua identidade cultural. Sem esquecer o forte entrelaçamento entre os outros povos que ocuparam o sul do Brasil e, ainda, que a administração do Clube, no período 2002/2004, não está a cargo de imigrantes de primeira geração ou descendentes de segunda geração, mas de brasileiros (descendentes mais distantes com mescla de várias etnias).

Quando se fala em mescla observa-se a perda da "identidade pura", pois o processo de 'aculturamento' é uma constante como acontece por ocasião das festas de carnaval através das fantasias das diversas tituladas que representam o clube. No entanto, é importante ressaltar, que essas fantasias utilizadas para as festas do carnaval (festa tipicamente brasileira) recebem uma conotação muito especial quando as tituladas (rainha, princesa, garota lusitana) escolhem, como motivo, algo representativo da cultura portuguesa, não só para homenagear seus antepassados como numa prova de ligação com as origens lusitanas.

Como exemplo podemos citar as "garotas lusitanas" conforme segue:

– Bruna Rajão Frio (1998/1999) usou a fantasia "Com Certeza uma Casa Portuguesa", mostrando a casa com o São José de Azulejo, as vinhas, as flores, além da música Casa Portuguesa;
– Jéssica Oliveira Tomberg (1999/2000) com a fantasia "Portus Cale, a Viagem do Coração", representando os barcos chamados "Rabelos" que transportam o vinho do Porto das encostas do rio Douro para as caves do Porto;
– Vanessa Machado da Luz João (2000/2001) apresentou a fantasia "Madeira, Jóia e Jardim do Atlântico" com uma fantasia com muitas flores e o traje típico do arquipélago;
– Victoria Hoffmann Moreira (2001/2002) com a fantasia "Rainha Isabel – Vitória e Milagres do Amor", que ao som da Canção do Mar, apresentou a todos a maravilhosa história do milagre das rosas.
– Louise Gadret Fernandes (2002/2003) com a fantasia "Vestida de Sol, as Jóias da Coroa", mostrando as riquezas e obras de arte que contam grande parte da história lusa e, principalmente, enfatizando, na sua homenagem, a habilidade e criatividade dos famosos joalheiros portugueses, em Pelotas.

Dentro do Centro Português e incentivadas por seus pais, as garotas lusitanas realizaram uma homenagem aos seus avós com representações de algo tradicionalmente português, embora que dentro de uma actividade tipicamente brasileira como é o carnaval.

A rainha Rita de Cássia Costa Ribeiro de Almeida (1999/2000) com a fantasia "Brasil 500 anos, Terra de Samba e Pandeiro" prestou uma homenagem a Portugal no que refere aos descobrimentos, através de Carmem Miranda (portuguesa que se tornou um símbolo do samba no Brasil).

Ainda, Aline André Rodrigues, rainha 2000/2001, ao som da música "Lisboa Antiga" gravada por Tânia Ramos (directora do Rancho), encantou a todos com a fantasia "Saudades de Lisboa", contando a história do período quinhentista quando do porto de Lisboa, centenas de naus com a bandeira de Portugal, foram ao encontro de novos mundos.

Também Karina Macedo Fernandes, rainha 2002/2003, foi destaque com a sua fantasia "A Bela das Belas – Uma História de Amor" referindo a época em que um grupo de jovens se une ao Mestre de Avis com o objectivo de combater Castela e manter a independência de Portugal. Durante o conflito, Rui de Vasconcelos conhece a bela Madalena Mendonça que passa a ser chamada a Bela das Belas, Rainha da Ala dos Namorados.

O carnaval em um clube originalmente português, apresentando uma identificação com a cultura portuguesa através de algumas fantasias, mostra que as identidades estão em mutação e sugere que o tema "o que é ser português em terra estrangeira" continua a ser um interessante objecto de estudo.

6. CONCLUSÃO

Como referimos em estudo anterior[30], os resultados obtidos através do desenvolvimento deste projecto permitiram-nos conhecer melhor alguns aspectos relativos à vida da comunidade portuguesa residente em Pelotas. Neste caso, a antiguidade do fenómeno emigratório português para o Brasil está patente no elevado número de inquiridos de nacionalidade brasileira e na identificação de uma parte significativa desta população com este país. Destaca-se, no entanto, a existência de uma nova vaga de emigração para este país registada no decurso da década de setenta após a revolução de 25 de Abril de 1974 e o processo de descolonização dos territórios africanos sob jurisdição portuguesa.

De destacar que parte significativa da população de Pelotas é de origem portuguesa e da região de Aveiro. Estes aspectos foram considerados na geminação entre as duas cidades. De facto, sendo o distrito de Aveiro conhecido de entre os demais distritos do continente pelo seu dinamismo económico e social, tem sido igualmente notado pela importância dos seus movimentos migratórios. Emigração e imigração cruzam-se neste cenário ribeirinho, outrora dominado pela forte emigração transoceânica que teve primeiramente no Brasil o principal porto de destino do emigrante português.

Razões históricas e culturais justificam a forte emigração portuguesa para este país antes de se terem encontrado novas alternativas à emigração transoceânica que desde o início do nosso século diversificou as saídas para outros países do continente sul americano e, especialmente, para a América do Norte. Pescadores e agricultores, letrados ou simples analfabetos oriundos das terras da "ria" ou das áreas montanhosas limítrofes, daqui saíram em períodos marcantes da emigração portuguesa dando origem a fortes comunidades hoje radicadas em diversos centros urbanos: nos E.U.A., no Canadá, no

Brasil, na Venezuela e mesmo na Argentina, destinos bem conhecidos do emigrante aveirense.

O incremento da emigração para a Europa, conhecida no decurso dos anos sessenta e setenta (séc. XX), embora contribuindo para enfraquecer aquele movimento transoceânico acompanhou a tendência global da emigração portuguesa na sua vertente intra-europeia. Daí a formação de novas comunidades portuguesas na Alemanha, em França, no Luxemburgo e modernamente na Suíça, países igualmente procurados por muitos cidadãos oriundos desta região ribeirinha.

Razões várias justificam a evolução deste fenómeno, dos tempos mais remotos à actualidade. Discuti-las não cabe no âmbito desta notícia. Contudo importa assinalar que sendo Aveiro uma terra marcada pelo desenvolvimento das suas actividades económicas, sofreu da mesma forma os efeitos da "míngua dos meios de subsistência" que conduziram ao "êxodo" de emigrantes isolados e de famílias inteiras, hoje radicadas em diversos países de imigração.

Reconhecer a sua existência e aprofundar os laços que os prendem ao seu país natal é uma responsabilidade actual. Diversos meios são utilizados para este fim. A divulgação da cultura portuguesas e o incremento da participação cívica podem favorecer a aproximação dos "cidadãos da diáspora" à "sociedade materna". E Aveiro, cidade reconhecida pelas suas tradições democráticas e liberais, tem uma responsabilidade acrescida em fomentar essa aproximação entre os que sentem o quotidiano da "bruma" que envolve o "pólipo" lagunar aveirense e os que, embora longe, não esquecem a luminosidade e a transparência das terras alagadas que identificam a paisagem da "ria de Aveiro". Paisagem que muitos aveirenses radicados em Pelotas procuram lembrar através do convívio promovido pelas associações, principalmente o “Centro Português 1.º de Dezembro”. Esta instituição, além de representar com dignidade a terra portuguesa, é o centro principal para a manutenção dos valores culturais na cidade de Pelotas.

Mesmo distantes da sua terra, os portugueses procuram manter os hábitos e costumes na intenção de mostrar aos descendentes, e também à comunidade de acolhimento, que a cultura portuguesa não está sendo deixada para trás mas lembrada e valorizada apesar da saudade.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Maria Manuela (1987), *Política de emigração e comunidades portuguesas*, Porto: Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas – Centro de Estudos.

ARROTEIA, Jorge Carvalho (1982), *Os Ílhavos e os Murtoseiros na Emigração* Portuguesa, Aveiro: Universidade de Aveiro.

ARROTEIA, Jorge Carvalho (1985), *Atlas da emigração portuguesa*, Porto: Secretaria de Estado da Emigração – Centro de Estudos.

ARROTEIA, Jorge Carvalho (1985), *Portugal: Perfil Geográfico e Social*, Lisboa: Livros Horizonte.

ARROTEIA, Jorge Carvalho (1986), *A emigração portuguesa no G. D. do Luxemburg*, Porto, Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas – Centro de Estudos.

ARROTEIA, Jorge Carvalho (1990), "L'émigration portugaise vue du Portugal: bilan des recherches" – "Immigration et enseignement du Portugais en Aquitaine", in *Les portugais en Aquitaine*, Bordeaux: CENPA-CESURB/Maison des Sciences de l'Homme de l'Aquitaine.

ARROTEIA, Jorge Carvalho; DOUDIN, P. A. (1998), *Trajectórias sociais e culturais e culturais de jovens portugueses na Europa: questões multiculturais e de integração*, Aveiro: Universidade de Aveiro.

ARROTEIA, Jorge Carvalho (2003), "Portugueses em Diáspora: identidade e cidadania", in *População e Sociedade*, Porto: CEPESE-Centro de Estudos da População Economia e Sociedade (em publicação).

BRANCO, Estelita de Aguiar (1991), *A Grande Tarefa: Processo e estratégias do imigrante português, estabelecido em Pelotas RS, na manutenção de sua identidade*, Porto Alegre: UFRGS (policopiado).

Câmara Municipal de Loures (2002), *Associações de Imigrantes* [on line] www.cm-loures.pt/d, acesso em 03 de Fevereiro de 2002.

FISS, Maria da Conceição Branco (1990), *A Influência Lusitana nos Prédios de Pelotas*, Pelotas (policopiado).

FISS, Regina Lucia Reis de Sá Britto (1988), *Aspectos Gerais e História das Empresas de Pessoas de Origem Portuguesa, em Pelotas, na Década de 1980*, Pelotas (policopiado).

FISS, Regina Lucia Reis de Sá Britto (2003), *A Imigração Portuguesa e as Associações como forma de Manutenção da Identidade Lusitana – Sul do Brasil*, in http://www.ub.es/geocrit/sn-94-27.htm, acesso em 2003.

FISS, Regina Lúcia R. S. Britto; POMBO, Carmen Regina Silva Matos (1999), "Aveiro – Pelotas: geminação e repercussões em estudo". *Boletim Municipal de Cultura*, XVI, n.º 34, Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro.

MARTINS, Oliveira (1956), "A emigração portuguesa", in *Fomento rural e emigração*, Lisboa: Guimarães e Cª. Editores.

OSÓRIO, Fernando (1922), *A Cidade de Pelotas: Corpo, Coração e Razão*, Pelotas: Diário Popular.

PEREIRA, Miriam Halpern (1981), *A política portuguesa de emigração (1850-1930)*, Lisboa: A Regra do Jogo.

POMBO, Carmen Regina da Silva Matos (1986), *A Imigração Portuguesa em Pelotas no Século XX*, Pelotas (policopiado).

POMBO, Carmen Regina da Silva Matos (1990), *Confeitaria Nogueira, uma doce lembrança*, Pelotas: Diário Popular Ed. Centenária.

ROSA, Mário (1985), *Geografia de Pelotas*, Pelotas: Ed. da UFPEL.

SERRÃO, J. (1976), *Testemunhos da emigração portuguesa*, Lisboa: Livros Horizonte.

SERRÃO, J. (1977), *A emigração portuguesa*, 3.ª ed., Lisboa: Livros Horizonte.

NOTAS

1 SERRÃO, 1977.
2 MARTINS, 1956.
3 PEREIRA, 1981: 29.
4 SERRÃO, 1976: 94.
5 ARROTEIA, 2003.
6 ARROTEIA, 1986; ARROTEIA, 1990: 137-163; 165-181.
7 ARROTEIA e DOUDIN, 1998.
8 ARROTEIA, 2003.

9 FISS e POMBO, 1999: 1-110.
10 POMBO, 1986; POMBO, 1990.
11 BRANCO, 1991.
12 FISS, 1988.
13 FISS, 1990.
14 ROSA, 1985: 192.
15 POMBO, 1986: 24.
16 FISS e POMBO, 1999.
17 FISS e POMBO, 1999.
18 FISS e POMBO, 1999: 12.
19 OSÓRIO, 1922: 161.
20 OSÓRIO, 1922: 161.
21 FISS, 1988: 44-71.
22 FISS e POMBO, 1999.
23 POMBO, 1986: 41.
24 FISS e POMBO, 1999: 90.
25 FISS e POMBO, 1999: 92.
26 FISS, 2003.
27 Habitante do Rio Grande do Sul, dedicado à vida pastoril e perfeito conhecedor das lides campeiras. Inicialmente homem sem domicílio certo, que andava de estância em estância, trabalhando em serviços que fossem executados a cavalo. (Existem centenas de hipóteses a respeito da origem da palavra gaúcho, que, apesar dos esforços dos pesquisadores, continua envolta em denso mistério).
28 FISS, 2003.
29 Câmara Municipal de Loures, 2002.
30 ARROTEIA, 2003.